

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 23 - número 45 - março 2014

vol. 23 - número 45 - março 2014

Fundação Eng. António de Almeida



a biografia intelectual e o ambiente de Glocenius em Marburgo, passando de seguida ao exame central da ‘ontologia’ na história calvinista (mormente Timpler e Lorhard, além de Glocenius, evidentemente), ocupando-se, os dois capítulos da segunda parte, primeiro do que o A. chama “a codificação da ontologia na ‘Isagoge in primam philosophiam’ (1598), e depois do léxico da ontologia, a saber: *abstractio*, *analogia*, *aliquid*, *possibilitas* e *res*. Escusado será dizer, por conseguinte, que o A. da obra ora em recensão, com todo o mérito e competência, já ocupa um lugar indispensável, caso se queira fazer a história da ontologia. Tratar-se-á, no caso, de distinguir com precisão e acribia histórico-filológica o âmbito da ontologia do âmbito da metafísica, de informadamente assegurar a quota-parte que a escola jesuíta teve em toda esta metamorfose histórico-literária mas na qual a escola calvinista teve papel preponderante – assistiremos ao devir e à recepção alemã de Pedro da Fonseca, Bento Pereira ou Francisco Suárez –, finalmente, e já não seria mérito de somenos, de alterar a nossa narrativa sobre o debate metafísico jesuíta continental, e o da *Schulmetaphysik* até Kant com o alvitre de que, enquanto a lê, o leitor compreenderá nada mais nada menos do que a maneira como o Ocidente pensou e “inventou” a “realidade” como não coincidente com a realidade efectiva.

Mário Santiago de Carvalho

Maria Teresa Rodrigues, Eduardo Lourenço. *Hermeneuta do Imaginário Português*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 2012, 135 pp.

O texto em apreço retoma o projecto de dissertação de Mestrado em “Hermenêutica, Linguagem e Comunicação”, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com o qual a autora recebeu o prestigiado prémio *Doutor Miguel Baptista Pereira* de 2007, instituído pela Fundação Eng. António de Almeida.

Trata-se de um trabalho com vários méritos e pontos de interesse dos quais, desde logo, se destacará o facto de se situar nos férteis lugares de fronteira onde, na diferença de perspectivas que sempre tornam mais profundos os pontos de encontro, a reflexão filosófica se fortifica.

Nesses lugares de fronteira reconheceu a autora ser possível meditar a que ponto “interpretar o sentido da nossa existência como povo assume em E. Lourenço uma natureza hermenêutica muito próxima da desenvolvida por P. Ricoeur nos seus estudos sobre problemas como a *identidade pessoal*, o *mal* ou o *tempo*, cuja clarificação exige a interpretação da linguagem simbólica através da qual ao longo do tempo o homem tem procurado esclarecê-los” (p. 23). Neste sentido se compreende que o ponto de partida do trabalho seja a “reflexão sobre Portugal” de um “hermeneuta heterodoxo” que partilha com o grande filósofo francês não apenas pressupostos fenomenológicos mas, igualmente, a valorização do literário como lugar de esclarecimento da existência humana. De facto, segundo a autora, os dois pensadores par-

tilham a convicção de que a compreensão do humano não pode descartar a tradição que nos chega e nos toca através da linguagem e do *muthus* configurador do mundo que abre à refiguração orientadora da acção.

Na via de uma demonstração fundamentada deste acordo de fundo, estudará a autora algumas das categorias fundamentais da hermenêutica de P. Ricoeur, como sejam, por exemplo, as de “mundo do texto” (pp. 65 e ss), “identidade narrativa” (pp. 101 e ss), ou aquelas que são desenroladas pela rede conceptual que, no contexto de uma releitura do trabalho de Aristóteles sobre a *mimesis* da praxis, o filósofo de Valence medita através da tríade “pré-figuração”, “configuração”, “refiguração” (pp. 85 e ss). No contexto de tal estudo, a autora evidencia com acuidade que a reflexão ricoeuriana permite uma compreensão mais clara e sustentada da *hermenêutica heterodoxa* de Lourenço, em particular no que concerne ao modo como o filósofo português pensa a identidade cultural portuguesa a partir de um imaginário literário, mítico e simbólico próprio, que se deve entender como renovadamente apropriado de modo complexo. Neste ponto se encontra, parece-nos, um dos traços mais originais deste estudo.

É pois num colóquio alargado em redor da identidade, da memória, da linguagem e do imaginário que, na diferença de estilos, na distância de explicitações teóricas e de caminhos de reflexão, estes dois vultos do pensamento contemporâneo se “encontram”. Como a autora anota de forma certa, no fundo esse encontro é firmado no campo da investigação do sentido do homem e da sua história – sentido do homem e sentido da história que “só podem captar-se na grande digressão dos signos da humanidade depositados nas obras de cultura, sobretudo articulados e trazidos até nós pela literatura” (p. 129), que permanece esse enorme laboratório de possibilidades de sentido capaz de ordenar e significar a praxis temporal de múltiplas maneiras.

Luís António Umbelino

Vicki Müller-Lüneschloß: *Über das Verhältnis von Natur und Geisterwelt. Ihre Trennung, ihre Versöhnung, Gott und den Menschen. Eine Studie zu F. W. J. Schellings »Stuttgarter Privatvorlesungen« (1810) nebst des Briefwechsels Wangenheim-Niederer-Schelling der Jahre 1809/1810, Frommann Holzboog, Stuttgart-Bad Cannstatt, 2012, 316 pp.*

O livro de Vicki Müller-Lüneschloß, intitulado *sobre a Relação da Natureza com o Mundo Espiritual*, resulta de uma tese de doutoramento defendida na Universidade Ludwig-Maximilian de Munique em 2009, e apresenta um estudo sobre as denominadas *Lições de Stuttgart (Stuttgarter Privatvorlesungen)* que F. W. J. Schelling proferiu nessa cidade, em privado, de Fevereiro a Outubro de 1810.